

## Andersen e o mundo dos “todos falantes”.

Qual o mistério do fascínio que faz com que, ainda hoje, mais de 200 anos depois do nascimento de Hans Christian Andersen, as histórias maravilhosas por ele inventadas toquem tão fundo a sensibilidade daqueles que a elas têm acesso e continuem a despertar em crianças e leitores de todas as idades um vivo interesse em ouvi-las, repetidas vezes, de novo, de novo, de novo... e sempre com o mesmo encantamento?

Na busca de alcançar respostas para esta indagação, recorro a Harold Bloom em – *A criança no tempo*<sup>1</sup>, um texto dedicado a Hans Christian Andersen. Nele, Bloom vai nos dizer que “um dos maiores e mais bizarros dons de Andersen é o fato de suas histórias viverem num cosmo animista no qual não existem objetos que sejam meros objetos. Cada árvore, arbusto, animal, artefato, peça de roupa ou pedaços de argila possuem uma alma ansiosa, uma voz, desejos sexuais, uma necessidade de status e um pavor diante da perspectiva de aniquilação”. Enraizado num animismo antigo, que é, segundo Bloom, mais antigo que “As mil e uma noites”, o gênio de Andersen nos transporta a um mundo no qual “as sereias e donzelas de gelo, cisnes e cegonhas, patinhos feios e pinheirinhos, sapatos e casas, colarinhos e ligas, sinos e ventos, bonecos de neve e ninfa dos bosques, bruxas e dores de dente, todos, possuem uma consciência tão ampla, tão cruel e tão desesperada por sobreviver quanto a nossa”.

Estas considerações de Bloom a respeito do animismo de Andersen me levaram a indagar se teria Andersen alcançado o que Freud viria a considerar “a alma infantil” e se seria este o dom que permitiria à sua arte o poder de encantar, fascinar, a eterna criança que há em cada um de nós, seres humanos.. Perguntei-me, ainda, se não estaria o fascínio das histórias de Andersen ali onde ele inscreve todos os objetos em um universo simbólico no qual todos têm acesso à palavra. No mundo criado por Andersen, é como se pudéssemos constatar que todos os objetos possuem um inconsciente e, por isso, são “todos falantes”.

Para Andersen, as suas histórias eram a história de sua vida. Muitos dos seus biógrafos e alguns críticos de sua obra concordam com esta sua afirmação. A esse respeito, Bloom revela-se cético, o que faz com que a sua posição se aproxime do que nos ensina a psicanálise quando diz que não se pode confundir a história pessoal do escritor com seus escritos ficcionais. Pensa-se, muitas vezes, que a obra de arte, sobretudo a literatura, tem relação com a vida íntima do escritor. No caso de Andersen, tende-se até mesmo a dizer que o

---

<sup>1</sup> BLOOM, Harold, *A criança no tempo*. In Folha de S. Paulo, Caderno *mais!*, 3 de abril de 2005, p.8

*Patinho feio* é autobiografia. No entanto, podemos perguntar: o *Patinho feio* é Andersen?

A psicanálise tem algo a dizer sobre isto. Ela nos ensina que uma literatura como a de Andersen não está motivada pela história pessoal do escritor. Os personagens de um escritor criativo, inventivo como Andersen, se despreendem do autor e seguem um caminho muitas vezes inverso ao que estava planejado. A obra ultrapassa o seu próprio autor. É a letra que conduz o escritor.

Se nos detivermos em *O patinho feio* de Andersen, poderemos dizer que, segundo a psicanálise, todo sujeito é um patinho feio. No que diz respeito ao humano, ainda que se nasça como filho biológico, isto não basta. Vai aparecer uma dúvida quanto à sua origem. Será preciso a cada um que nasce enquanto humano, confirmar a sua inclusão como filho da família X? É o que nos diz Freud em seu texto *Romances familiares*<sup>2</sup>. Será na linguagem, através das identificações que o filhote do homem deverá, primeiro, alienar-se ali, em tal família, e depois desenvolver um complexo de exclusão, necessário e estruturante. E se dizemos – estruturante – é porque será esta operação de separação que possibilitará que se cumpra a tarefa que, segundo Freud, “é, ao mesmo tempo, a mais necessária e a mais difícil, a mais dolorosa que o ser humano deve realizar, o separar-se dos pais”. O separar-se do Outro.

Em muitos dos chamados “contos infantis” aproximamo-nos do texto de Freud *Romances familiares*. *O Patinho feio* é uma destas histórias que nos permite perceber a proximidade entre a literatura e a psicanálise. Ela nos mostra o percurso do sujeito, submetido à linguagem, buscando realizar a tarefa difícil que é, na verdade, a operação de separar-se, parir-se, engendrar-se<sup>3</sup> e encontrar o seu lugar no mundo. Nesta história de Andersen tudo conspirava para que nem mesmo fosse possibilitado a este patinho alcançar o instante preciso em que sairia de dentro do ovo. Talvez esta seja mais uma razão para o seu fascínio e encanto.

Sonia Campos Magalhães

---

<sup>2</sup> FREUD, S. *Romances familiares*, In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. IX, p. 243 -247.

<sup>3</sup> LACAN, J. *Seminário Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar, 1979, Cap.. XVI, O sujeito e o Outro: A alienação, p. 202.